



O Porto da Horta na História do Atlântico

O TEMPO DOS CABOS SUBMARINOS

MUSEU DA HORTA
ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO LICEU DA HORTA

Apresentação

1 - A Horta dos Cabos Submarinos foi essencialmente um tempo de intensas relações internacionais, com grande participação da Ilha do Faial na história do Atlântico. Estranhamente, não tinha merecido a devida atenção historiográfica porque a história nacional das telecomunicações não se ocupava da relação entre a evolução interna e as condicionantes universais. Apenas se evocava o lançamento do primeiro cabo entre o Continente e os Açores, aliás, também marcado por forte polémica internacional nas Cortes Portuguesas, desencadeada pelo deputado republicano Manuel de Arriaga.

Um segundo aspecto essencial para a historiografia dos primórdios dos cabos submarinos apelava, também, a um factor internacional, entre o que efectivamente aconteceu e é verificável a partir de fontes de fácil acesso e o que, embora não se tenha precipitado, poderia ser encontrado nas estratégias das grandes potências, com a Horta implicada devido às excepcionais condições geográficas do seu Porto.

Por outro lado, a relação entre a evolução tecnológica e as suas consequências socioculturais não fora suficientemente valorizada, embora bem sinalizada nos dois lados do Atlântico, em particular, nas memórias locais (em Portugal, além da Ilha do Faial conheceram esta expressão internacional, Funchal, Carcavelos e S. Vicente).

Para a alteração deste quadro terão sido importantes os estudos de António José Telo, a criação da Fundação Portuguesa das Comunicações (CTI, PT e ICP/ANACOM) e também do Grupo de Amigos do Museu das Comunicações, através de estruturas de suportes documentais, de pesquisas e publicações de referência, onde emergem a revista **Códice**, a obra **As comunicações na idade contemporânea** (coordenada por João Confraria), o **Guia de fontes documentais da história das comunicações** (coordenada por Alva Santos) e **A história das telecomunicações em Portugal** (coordenada por Maria Fernanda Rollo, Fundação PT). A exposição **Comunicar na República/100 anos de inovação e tecnologia** organizada por aquela Fundação e aquele Grupo de Amigos, integrada nas comemorações do Centenário da República, veio marcar um novo olhar sobre esta dinâmica internacional com a integração de referências à Horta dos Cabos Submarinos.

Na própria Ilha do Faial, apesar do orgulho sempre manifestado por este período da sua história, não tinham acontecido ainda acções determinantes na pesquisa e preservação destas memórias. Conta-se contudo com os estudos publicados por Frank Weston (1963), Yolanda Corsépius (1999), Carlos Silveira (2002) e alguns escritos dispersos, bem como os trabalhos realizados nos Açores por Francis Rogers da Universidade de Harvard (1979). E, ainda, com o esforço do Padre Júlio da Rosa na salvaguarda de espólios das estações cabográficas.

De uma forma geral a recolha e a musealização de espólios, nesta área, em Portugal, conhecem atrasos notórios, não acompanhando o que se encontra nos países que têm lugar cativo na história da telegrafia submarina. A Horta dos Cabos Submarinos pode ansiar ao registo de uma certa relevância historiográfica quando ocorrerem estudos comparados, principalmente, no quadro de projectos em rede sobre património imaterial transnacional dos primórdios das comunicações telegráficas através do Atlântico.

2 - A consciência deste conjunto de aproximações e da continuação de alguns esquecimentos determinaram a vontade de criar um movimento tendo como primeiro impulso o desejo de promover a criação de um Museu do Cabo Submarino que logo se orientou em três eixos:

Recuperação de património, pesquisa de vestígios e angariação de espólios;

Mobilização social, em particular dos antigos cabografistas e famílias, em Portugal e na diáspora;

Contacto com especialistas de diferentes áreas para a pesquisa de fundos documentais e realização de estudos historiográficos.

Dois instituições convergiram para a concepção e organização das acções – a Associação dos Antigos Alunos do Liceu da Horta e o Museu da Horta. Uma Comissão Ad Hoc foi constituída por antigos cabografistas residentes no Faial (Carlos Silveira, Fernando Morisson, Filomeno Bicudo, Jorge Lima, José Tavares, Manuel Neves e Mário Baptista) e na diáspora (Carlos Dutra, José Duarte da Silveira e Manuel Contente) que, especialmente, se encarregaram da divulgação deste movimento, da inventariação dos equipamentos telegráficos das diferentes companhias, existentes no acervo do Museu da Horta e da captação de espólios.

Foram ainda incluídas colaborações especiais para levantamentos patrimoniais (A. Martins Naia); recepção de suportes fotográficos (Francisco Gonçalves); pesquisa de fontes (Yolanda Corsépius); organização de memórias orais (Katja Neves) e fundamentos historiográficos (R. Madruga da Costa).

A organização definiu desde o início dos trabalhos a concentração dos três eixos do movimento em torno de duas grandes acções de avaliação, ao fim de um ano – um **Colóquio**, com duas vertentes (uma científica e outra memorialista) e uma **Exposição**.

Para o desenvolvimento desta primeira fase (Julho de 2009 a Julho de 2010) contou-se com o apoio de várias entidades – Fundação Portuguesa das Comunicações; ANACOM; Secretaria Regional da Ciência, Tecnologia e Comunicações; APTO (Administração do Porto da Horta).

3 - A partir dos pressupostos do lançamento deste movimento (ponto 1) e na sequência dos elementos organizativos (ponto 2), apresenta-se nesta obra as duas partes da jornada realizada em 30 de Julho de 2010 (a) - o Colóquio **O Porto da Horta na História do Atlântico/ O Tempo dos Cabos Submarinos** e a Exposição **A Horta dos Cabos Submarinos**. O Colóquio foi aberto pelo Director do Museu da Horta e a sessão de encerramento presidida pelo Secretário Regional da Ciência, da Tecnologia e das Comunicações que também inaugurou a Exposição

No 1º capítulo reúnem-se os textos dos trabalhos de investigação apresentados pelos especialistas convidados, António José Telo, João Confraria e Luís Oliveira, Francisco Silva, Ricardo Madruga da Costa e Katja Neves. Análises temáticas que, no seu conjunto, concorrem para o aprofundamento integrado da história dos cabos submarinos na Ilha do Faial.

O 2º capítulo é dirigido a Memórias, nele sendo incluídos três trabalhos conduzidos pelas pessoas com maior experiência de recolha e de caracterização das circunstâncias e dos factos que marcaram o imaginário e as vivências desse tempo, Carlos Silveira, Yolanda Corsépius e José Silveira Duarte.

Seguidamente, A. Martins Naia apresenta uma proposta para aquele que se designou como “estimulo para o movimento” – o Museu “in situ”, isto é, no local original, a Trinity House,

onde operaram todas as companhias que estiveram sediadas na Horta, ampliando a noção inicial de Museu confinado a espaço arquitectónico, para uma dimensão mais abrangente de “espaço museológico”, que contempla o “espaço urbano” e o “ciberespaço”.

A finalizar, Luís Menezes apresenta uma sinopse sobre a Exposição **A Horta dos Cabos Submarinos**, organizada pelo Museu da Horta, indicando o programa museológico com a respectiva sequência temática, incluindo imagens dos painéis e dos materiais expostos nesta primeira exposição temporária, com o património que já foi possível reunir e identificar.

Pela Organização
Henrique R.G. Melo Barreiros

- (a) Deve referir-se, também, aquela que foi verdadeiramente a 3ª parte da jornada, o jantar-convívio realizado no Hotel Fayal, antiga messe da Companhia Western Union. Momento social de grande intensidade afectiva reuniu antigos cabografistas residentes no Fayal e em várias partes do Mundo. Presidiu o Secretário Regional da Ciência, da Tecnologia e das Comunicações. Existindo ainda vestígios de um cabo submarino que atravessava os terrenos hoje ocupados pelo Hotel, foi apresentado um estudo para inclusão daquele vestígio no futuro roteiro do tempo dos cabos submarinos na cidade da Horta.